

# A intersecção entre filosofia e literatura: “Crime e Castigo”, de Fiódor Dostoiévski, sob a óptica existencialista

*The Intersection Between Philosophy and Literature: Crime and Punishment by Fyodor Dostoevsky from an Existentialist Perspective*

VICTORIA PESSOA MORAIS  
Discente de Psicologia (UNIPAM)  
victoriamorais@unipam.edu.br

HELLEN APARECIDA FERREIRA  
Professora orientadora (UNIPAM)  
hellenferreira@unipam.edu.br

---

**Resumo:** A literatura, como forma de representação humana, reflete conceitos filosóficos profundos. Através dela, é possível indagar sobre o humano a partir de uma perspectiva analítico-filosófica na tentativa de adentrar aos significados das palavras que compõem um discurso literário. Nesse sentido, o presente estudo se propõe a analisar a narrativa do livro *Crime e Castigo*, do autor russo Fiódor Dostoiévski, à luz da óptica existencialista, com destaque nos conceitos de liberdade, culpa, angústia, desespero e possibilidade, temáticas centrais dessa vertente filosófica. Assim, evidencia-se que esses dispositivos existenciais oferecem uma vasta base teórica para a análise literária da narrativa retratada.

**Palavras-chave:** Literatura; Filosofia; Existencialismo.

**Abstract:** Literature, as a form of human representation, reflects profound philosophical concepts. Through it, one can inquire into the human condition from an analytical-philosophical perspective in an attempt to uncover the meanings behind the words that compose a literary discourse. In this sense, the present study aims to analyze the narrative of *Crime and Punishment*, by the Russian author Fyodor Dostoevsky, through the lens of existentialist philosophy, with emphasis on the concepts of freedom, guilt, anguish, despair, and possibility—central themes in this philosophical tradition. The study demonstrates that these existential categories provide a rich theoretical framework for the literary analysis of the narrative.

**Keywords:** Literature; Philosophy; Existentialism.

---

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma forma de expressão da vida humana e da sociedade que a compõe. Posto isso, é natural que haja uma convergência entre os interesses dos estudos literários e da filosofia, uma vez que se fala do conteúdo humano nesses campos do saber (Freire, 2008).

De acordo com Pombo *et al.* (2005), essa interdisciplinaridade se dá quando duas ou mais áreas do conhecimento estabelecem proximidade entre si, ultrapassando seus limites antepostos e contribuindo para a construção de um conhecimento ainda mais complexo. Entende-se, desse modo, que o estudo filosófico da literatura contribui para a compreensão da dimensão subjetiva e simbólica da narrativa posta, enriquecendo-a.

Para Quintás (1998), a leitura e a compreensão de obras literárias clássicas são de grande contribuição para a formação ética dos indivíduos, de maneira que a literatura coloca um holofote sobre as questões ali representadas. Ainda de acordo com o autor, é incumbido ao texto literário a alegoria de múltiplas instâncias da realidade humana: fisiológica, emocional, transcendente, comunitária e simbólica, necessitando haver, então, um sentido, e não só um significado literal.

Portanto, a leitura de cânones literários é um método ideal para a formação do indivíduo, pois o leva a experienciar múltiplas dimensões humanas. Para Quintás (1998), apesar dessas obras serem ficcionais, traduzem uma realidade que afeta o leitor e causa nele estranhamento, fornecendo material para a compreensão da subjetividade e do comportamento humano.

Assim, a expressão da condição histórica e filosófica é o que faz com que o conteúdo de obras clássicas continue válido em diferentes contextos e em diferentes épocas, ao passo que as contribuições da óptica existencialista para a construção e compreensão da literatura são recursos que perpetuam a obra literária.

De acordo com Feijoo (2010), na análise da existência, busca-se refletir sobre o existir. Essa afirmação relaciona-se com as ideias da obra discutida neste trabalho, uma vez que a filosofia e a literatura, em conjunto, iluminam aspectos centrais da experiência humana de Raskólnikov, protagonista da obra de Dostoiévski (1866), como liberdade, culpa, angústia, desespero e responsabilidade, temáticas da filosofia existencial.

Em se tratando de liberdade, entende-se que essa é a condição primeira do ser humano e é a partir dela que os outros elementos da experiência existencial se apresentam. Confirma-se isso em Sartre (1997), o qual afirma que liberdade é uma condição do ser: estamos paradoxalmente condenados a ser livres, de modo que, ainda que renunciemos à liberdade, estaremos fazendo uma escolha, que é a de não escolher. Todavia, essa liberdade não deve ser confundida com uma ausência de limites, nem com um fechar de olhos para as situações fisiológicas, econômicas e sociais e as mazelas inerentes a elas. Pelo contrário, o filósofo afirma que o homem é livre dentro de sua própria facticidade, ou seja, é através do contexto em que vive que o homem pode experienciar sua liberdade, interpretando sua realidade e escolhendo como reagir a ela.

Para Reynolds (2013, p. 75), “a situação em que nos encontramos não limita nossa liberdade, mas, de acordo com sua definição de liberdade [...], simplesmente fornece o contexto para a exercitarmos”. A partir dessa compreensão, entende-se que o personagem de Dostoiévski (1866), Ródia, apesar de ser atravessado pelas mazelas da pobreza, não é menos responsável pelas escolhas que faz. Tanto que, ao ser consciente do peso de suas escolhas, é que o protagonista se vê frente a frente com a angústia, que é imanente à existência humana. Ao tentar justificar o seu crime como algo inevitável e até louvável diante das circunstâncias, Ródia nega sua liberdade e tenta enganar a si mesmo.

Seguindo esse raciocínio, a correspondência existencialista da liberdade, ou a apreensão causada por sua constatação, é a angústia. Essa angústia, de acordo com as argumentações de Sartre, embasadas em Kierkegaard e Heidegger, é o temor diante da consciência de que somos livres para responder às situações. O famoso exemplo de Sartre (1997) envolve um indivíduo atravessando um vasto precipício e experienciando a consciência de que sua liberdade o impele a possibilidade de saltar do abismo – ou seja, o que o personagem enfrenta ali é a angústia diante da perspectiva de que pode fazer o que quiser naquela situação e, conseqüentemente, a desconfiança da resposta que ele próprio dará. Para tanto, Reynolds (2013, p. 92) afirma:

A angústia, portanto, pressupõe o reconhecimento da liberdade, assim como a consciência de nossa própria responsabilidade por nossos procedimentos. É a consciência de que nada externo pode nos compelir a ser ou fazer coisa alguma (BN: 31-32), e, conseqüentemente, que as falhas e sucessos de nossas vidas dependem somente de nós mesmos.

Segundo Heidegger (1962), a liberdade é um fardo que priva a humanidade de sua zona de conforto habitual ao passo que traz significado à sua vida e à sua existência, de forma que negar o fato de ser livre seria agir de maneira inautêntica. Desse modo, no existencialismo, a liberdade é tida como uma condição ontológica. Ainda que não deseje escolher, o homem não pode evitar traçar seu caminho através de suas próprias escolhas.

Desse modo, a leitura e a análise da narrativa de *Crime e Castigo* propõem um olhar analítico e filosófico dessa obra e se debruçam sobre a tríade da culpa, da angústia e do desespero, que se dá através do conceito de liberdade.

## 2 A NARRATIVA

A obra de Dostoiévski, publicada originalmente em 1866, narra a história de Raskólnikov, um jovem rapaz que vive em situação de miséria em Pittsburgh, condição essa que o limita e condiciona o seu destino. O rapaz, passando por problemas econômicos, decide recorrer a uma senhora que lhe empresta dinheiro a juros altos. Nesse contexto, o protagonista observa que a mulher é impiedosa e possui atitudes condenáveis, de modo que, movido por essa crença, decide assassiná-la, sob justificativa de uma moralidade não condenável. Porém, após o crime, uma situação inesperada acontece: a irmã mais jovem da velha assassinada presencia a cena e, por ser testemunha, acaba, também, sendo brutalmente assassinada.

Assim, a trama se desenvolve com foco no personagem refletindo sobre a escolha feita e tentando, de maneira vã, justificar o ato, pois a culpa se faz presente nele, culminando em sentimentos de angústia. O romance literário levanta vários questionamentos filosóficos que cercam o crime e despertam reflexões existenciais à luz da escolha e da culpa advindas da responsabilidade que denuncia a liberdade humana.

A obra, se vista além da interpretação superficial e analisada através de um contexto histórico, cultural e existencial, transcende a narrativa policial comum. Portanto, o primeiro dilema da história se baseia na dicotomia dos pensamentos do protagonista: como conciliar a visão de si mesmo como alguém digno de grandes

discussões sobre o futuro da humanidade, enquanto não consegue pagar seu próprio aluguel?

É válido ressaltar que Dostoiévski escolhe intencionalmente o nome de seu personagem: dentro do nome Raskólnikov está a palavra Raskolnik, que, em um sentido religioso, significa cismático, alguém que deixa de seguir determinada doutrina. Essas pessoas, nomeadas Raskolniks, eram obrigadas a se isolar da comunidade. Acontecia, portanto, uma cisão, um corte – o que remete a um machado, que cinde as coisas ao meio, justamente o objeto utilizado no crime de Ródia (Peace, 1971). Assim, através da cisão simbólica, tal qual um Raskolnik, Ródia se isola de todas as pessoas do seu convívio, sentindo-se culpado e desesperado, não podendo confessar o crime que cometeu. A partir do momento em que o plano é executado, o protagonismo da culpa e do desespero na narrativa se intensifica.

Essa cisão, então, é claramente observada na dicotomia psicológica do protagonista. Parece haver dois Ródias vivendo em sua mente: aquele que é açoitado por sua própria consciência e acredita ser necessário ajudar os necessitados e proteger os mais frágeis; e aquele que se considera moral e intelectualmente superior, sem se importar em causar mal a outra pessoa para provar sua superioridade.

Também é parte da narrativa de Dostoiévski (1866) a dualidade que assolava a sociedade: o confronto entre os valores cristãos tradicionais e uma nova moralidade emergente. O autor coloca sob escrutínio a realidade russa da época, que sofria transformações através de ideias revolucionárias vindas da França, da Alemanha e da Inglaterra, condutoras de respostas éticas que colocavam em segundo plano os pressupostos cristãos, antes tidos como o ponto de partida para a resolução de dilemas desse caráter.

Com relação a essa nova etapa da vida em sociedade, o filósofo Nietzsche (2001) proclamava sua célebre frase: “Deus está morto”, que significava a morte subjetiva dos pressupostos cristãos enquanto forças balizadoras da civilização. Com isso, a resposta para os dilemas morais não se baseava mais nos mandamentos bíblicos, mas na teoria de que bom é aquilo que beneficie e mitigue o sofrimento do maior número de pessoas possível, sem levar em consideração o peso do pecado e do castigo divino impostos anteriormente.

Tendo como base essa nova moralidade, como Ródia se considerava um homem intelectual que seguia os princípios revolucionários e rejeitava os fundamentos cristãos, assassinar uma mulher má, visando a salvar outras boas pessoas, seria, supostamente, algo bom de acordo com a nova moralidade. Além do mais, Raskólnikov tinha um ideal de homem: Napoleão Bonaparte, que sacrificou milhares de soldados em busca da concretização do seu propósito. Inspirado por essa visão e buscando comprovar sua participação na classe de homens superiores, Ródia almejava assassinar a idosa sem sentir remorso nem culpa.

Desse modo, no dia da concretização de seu plano, o protagonista adentra a casa da mulher e a assassina utilizando um machado. Todavia, em desencontro ao seu plano, a irmã bondosa da vítima entra em casa enquanto tudo está acontecendo, o que leva Ródia a instintivamente matá-la. Com isso, seu crime não pode mais ser considerado como um ato de justiça – a morte da jovem irmã não beneficiaria ninguém.

### 3 A ANÁLISE

A contradição do fluxo de pensamentos presente na narrativa de *Crime e Castigo* insere o leitor na realidade confusa e delirante da mente de Raskólnikov. Sua existência, nesse momento, é marcada pela angústia, que surge da percepção de sua liberdade e da responsabilidade pelas escolhas que pode ou não realizar. Essa angústia é não apenas externa, decorrente da pobreza e da miséria, mas também interna, alimentada pelo peso de decidir entre agir ou permanecer na inércia.

Posto isso, a angústia, para Kierkegaard (1968), representa um estado existencial inerente à condição humana. É um afeto que ocorre frente à possibilidade, revelando a constituição do ser como sujeito de liberdade. Ao ser livre, o homem é impelido a escolher entre diferentes caminhos e, conseqüentemente, a lidar com a responsabilidade por suas escolhas.

Kierkegaard (1968) ainda define a angústia como a “tontura da liberdade”: quando o indivíduo se depara com a multiplicidade de escolhas a serem feitas, sente abrir diante de si um abismo existencial. Na beira desse abismo, o homem, ao mesmo tempo em que teme cair, percebe que pode simplesmente escolher se jogar – o que gera o estado de angústia. No caso de Raskólnikov, a angústia se manifesta ao perceber que é livre para concretizar a ideia que atormenta seus pensamentos: assassinar a velha agiota. Portanto, observamos, nessa etapa da narrativa, a consciência febril de Ródia, experimentando essa “tontura” diante da possibilidade de fazer algo que o aterroriza, sentindo-se à beira de um abismo, já que sua escolha irá reverberar no próprio ser que ele se tornará.

Kierkegaard (1968) afirma que o proibido inquieta o homem, porque é uma possibilidade de poder escolher. Dessa forma, a angústia de Raskólnikov não se deve apenas às condições externas retratadas na narrativa, como a miséria e a injustiça social, mas à consciência de que seus próximos passos dependem de uma escolha que só pode ser tomada por ele, e que, seja qual for, terá conseqüências irreversíveis para sua existência. Ele não pode fugir dessa responsabilidade, e é esse peso que o consome antes mesmo de o crime ser cometido.

Diante disso, surge o questionamento: é possível exercer a liberdade plena? Na visão de Sartre (1997), nós estamos existencialmente condenados à liberdade, o que significa que não podemos fugir da responsabilidade de nos tornarmos quem somos através de nossas próprias escolhas e de, sobretudo, lidar com as suas conseqüências. Portanto, a liberdade plena idealizada por Ródia, no sentido de exercer suas escolhas sem lidar com as conseqüências, é uma ilusão. A fuga da responsabilidade inerente à liberdade é impossível, o que faz com que Raskólnikov tente enganar a si mesmo para escapar de seu desespero existencial.

Ao detalhar o planejamento meticuloso do crime, é possível que o leitor acompanhe os pensamentos entrecortados e contraditórios do protagonista, o que comprova que ele, mesmo antes de cometer o ato, já se via castigado por sua própria consciência. Sentia culpa, asco e remorso, e também raiva e desprezo por esses sentimentos, expondo o seu conflito. Essa culpa, mais do que moral, é existencial: emerge da tensão entre sua tentativa de ultrapassar os limites de sua humanidade e a inevitável falibilidade de sua condição.

Para Kierkegaard (1968), a culpa está intrinsecamente conectada à angústia e à responsabilidade, surgindo ao passo que o indivíduo defronta-se com sua liberdade e, conseqüentemente, sua responsabilidade diante das escolhas que faz. A culpa é não apenas um sentimento moral, mas também uma condição inerente à existência humana, pois escolher significa assumir o peso das conseqüências. Na narrativa, retratar a culpa de Ródia antes mesmo de ele cometer o crime reflete a inevitabilidade da responsabilidade humana por suas próprias escolhas. O protagonista já se encontra aprisionado pelo peso de sua consciência e de sua responsabilidade.

Assim, a trajetória do protagonista perpassa diferentes formas de culpa. Inicialmente, sua culpa parece ter um caráter moral, decorrente da transgressão de uma norma ética. Todavia, com o passar da narrativa, seu sentimento se torna existencial, emergindo do reconhecimento da própria liberdade e da responsabilidade de suas escolhas, ou seja, seu sofrimento vai além daquilo que ele fez, atingindo também aquilo que ele é e teme se tornar.

Para Ródia, o crime tinha um caráter intelectual: ele desejava provar que pertencia a uma casta de homens superiores. Ele escolheu aquela idosa como vítima por considerá-la moralmente inferior: uma agiota cruel, que maltratava a irmã mais nova e que já estava mesmo à beira da morte. O protagonista justificava o assassinato como um ato de justiça, intensificado por sua condição miserável, dependendo de dinheiro para salvar a si mesmo, sua mãe, sua irmã e a própria irmã da agiota, usando o seu dinheiro para aliviar o sofrimento dessas que eram consideradas boas mulheres.

Correlato a isso, Nietzsche (2006) instaura o conceito de Super-Homem como um ideal de indivíduo que transcende os valores morais tradicionais, não se submetendo às regras impostas pela religião ou pela moral cristã, vivendo de forma autêntica e sem culpa, sendo o criador de seus próprios valores. Raskólnikov, personagem possivelmente influenciado por ideias filosóficas contemporâneas que ecoam desse conceito nietzschiano, acredita que alguns indivíduos considerados especiais têm o direito de ultrapassar as leis morais para cumprir um propósito superior (Peace, 1971).

No entanto, esse homem idealizado por Ródia, na verdade, afasta-se da perspectiva nietzschiana. O protagonista interpreta essa ideia através da luz de seu próprio egoísmo e desespero, mantendo-se preso a uma lógica mantenedora de um poderio, não da criação de novos valores transcendentais, revelando sua incapacidade de superar os valores tradicionais que, supostamente, rejeita. Ródia cai em um ciclo de autoengano, buscando se reafirmar através da negação do outro.

Ao desejar ser parte dessa casta superior, ele se vê como alguém que não se subjugará à moralidade convencional, justificando o assassinato como um ato necessário para o bem maior. No entanto, ao longo da narrativa, sua tentativa de se afirmar como um homem superior cai por terra, pois ele não consegue lidar com as conseqüências existenciais de seu ato.

Por isso, a lógica de Ródia baseava-se no dilema: seria mesmo moralmente errado matar aquela mulher malvada, pegar seu dinheiro e utilizá-lo para salvar outras três boas mulheres? Esse questionamento o conduz ao desespero, entendido existencialmente como a sensação de estar perdido diante da incapacidade de resolver o conflito entre suas crenças e a realidade que o cerca.

Para Kierkegaard (1979), o desespero é um estado de inverdade do indivíduo para consigo mesmo. Em sua obra “O desespero humano”, esse filósofo define o desespero como a consequência de não aceitar plenamente a própria liberdade e responsabilidade diante da existência, tentando escapar de si mesmo e de sua própria condição.

Portanto, a imagem de homem pertencente à “casta superior” é um ideal falso criado por Ródia. Não há possibilidade de superioridade nesse caso, não há maneiras de escapar. Ele invariavelmente está sujeito à culpa, ao remorso e ao peso da responsabilidade. Assim, no decorrer da narrativa, o desespero de Raskólnikov aumentará à medida que ele percebe que suas ações não lhe trazem o controle ou a libertação esperados, o que mostra que, ao cometer um suposto ato de libertação, o protagonista sacrificou a liberdade de uma existência inteira.

Além do mais, ao buscar justificar racionalmente o crime, Ródia comete o que Sartre (2007) identifica como má-fé: cria uma narrativa para negar sua própria liberdade e responsabilidade, fugindo de encarar face a face a angústia da escolha e suas consequências, tentando escapar da inevitável culpa que o assombra e da dor da autenticidade existencial. No entanto, essa negação não o liberta, ao passo que só intensifica sua angústia. Ródia já está condenado antes mesmo de ser descoberto, pois sua verdadeira punição vem da própria consciência existencial.

Ao fugir da responsabilidade nua e crua e fundamentar sua ação em uma teoria racional que busca legitimar seu ato, Ródia se torna, portanto, a perfeita representação do personagem inautêntico de Heidegger (1962). Para o filósofo, o homem inautêntico é aquele que vive a partir de justificativas externas, preso ao que denomina de *das Man*, conceito central de sua obra *Ser e Tempo* (1962), fugindo da angústia que surge da percepção de sua liberdade e da responsabilidade por suas escolhas através de racionalizações que o impedem de ser-no-mundo.

Paradoxalmente, é em Sônia, uma prostituta, filha de um pai alcoólatra, que Ródia encontra consolo. Apesar de ser considerada parte da escória da sociedade, Sônia começou a se prostituir para evitar que seus irmãos mais jovens enfrentassem a fome e a miséria, ou seja, Sônia é forçada pelas circunstâncias a vender seu corpo por dinheiro. Ao contrário de Ródia, não havia delírios de grandeza e de superioridade para justificar seu delito. Sônia assumia uma existência verdadeiramente autêntica, sendo o oposto da personalidade orgulhosa, racional e descrente de Raskólnikov (Peace, 1971).

Assim, é para Sônia que Ródia finalmente confessa o crime. Embora aterrorizada, a jovem não abandona o amigo à própria deterioração espiritual, não o julga nem o despreza. Sônia demonstra seu sacrifício através da perseverança, lendo para o amigo passagens do evangelho em que Jesus chama Lázaro de volta à vida. A grande relevância dessa personagem é que, ao contrário do protagonista, mesmo assolada pela miséria e pelo sofrimento, Sônia não se corrompe e não se deixa sucumbir pelas injustiças que enfrenta dia após dia. Ao contrário de Ródia, Sônia não sacrificava outras pessoas para conquistar seus propósitos, mas colocava o próprio corpo em oferta para sustentar sua família.

Posto isso, de acordo com a análise de Peace (1971), Sônia era a representação da fé ortodoxa na narrativa: assim como Jesus chorou por Lázaro, ela chora por Raskólnikov, tentando resgatá-lo de sua cova de culpa e de autoflagelação. Sua presença

não apenas o desafia a encarar sua própria humanidade e suas limitações, mas também oferece um caminho para a redenção, mediado pela autorresponsabilidade e pela aceitação das consequências de suas ações.

Por fim, considerando-se o desenvolvimento da narrativa, o protagonista confessa o crime e é condenado à prisão, momento em que sua regeneração moral tem início. Portanto, conclui-se que, ao assumir sua culpa, Ródia representa a passagem do desespero para a autenticidade. Para Kierkegaard (1968), a única maneira de vencer o desespero é deixar de lado a fuga existencial e se reconciliar com sua própria condição humana, arcando com a responsabilidade e falibilidade inerente a ela e tornando-se, portanto, um ser autêntico.

## REFERÊNCIAS

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Prestuplenie i nakazanie [Crime e castigo]**. Moscou: Russki Vestnik, 1866. (Obra original em russo).

FEIJOO, Ana Maria Calvo de. **A escuta e a fala em Psicoterapia: uma proposta fenomenológico existencial**. 2. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2010.

FREIRE, José Célio. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 2, p. 2-9, 2008.

HEIDEGGER, Martin. 1962. **Being and time**. Trans. John Macquarrie and Edward Robinson. Southampton, UK: Basil Blackwell, 1927.

KIERKEGAARD, S. **O conceito de angústia**. São Paulo: Hemus, 1968.

KIERKEGAARD, Søren. **O desespero humano: a doença até a morte**. Tradução de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. Introdução de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

Nietzsche, F. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de M. S. Chauí. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PEACE, Richard Arthur. **Dostoyevsky: an examination of the major novels**. 1971. (No title).

POMBO, Olga *et al.* Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, v. 1, n. 1, março 2005.

QUINTÁS, Alfonso López. **Literatura y formación humana**. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, CSIC, 1998.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2013.

Sartre, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de R. Barbosa. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 1997. (Obra original publicada em 1946).

Sartre, J. P. (2007). **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica, Tradução de I. Cohn. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2007. (Obra original publicada em 1943).